

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL E O PARTIDO COMUNISTA FRANCÊS DIANTE DA REVOLUÇÃO CUBANA NOS ANOS 1960¹.

Dr. Jean Rodrigues Sales²
Pós-doutorando – FFLCH-USP
jeanrodrigues5@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo do artigo é analisar, a partir de uma perspectiva comparada, as relações estabelecidas entre o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o Partido Comunista Francês (PCF) com a revolução cubana nos anos 1960. Partindo do pressuposto de que essa revolução foi um marco na história do comunismo mundial, pretende-se discutir a forma como o PCdoB e o PCF lidaram com o fenômeno cubano, considerando que os dois partidos atuaram em condições sociais e políticas diferentes.

Palavras-chave: Revolução Cubana; Partido Comunista do Brasil (PCdoB); Partido Comunista Francês (PCF).

THE COMMUNIST PARTY OF BRAZIL AND THE FRENCH COMMUNIST PARTY IN FACE OF THE CUBAN REVOLUTION OF THE 60's.

Abstract

This article analyzes the relationships of the Communist Party of Brazil (PCdoB) and the French Communist Party (PCF) with the Cuban revolution of the 60's from a comparative perspective. Based on the assumption that this revolution was a landmark in the history of world communism, we intend to discuss the way the PCdoB and the PCF dealt with the Cuban phenomena, given the fact that both parties were operating in different social and political situations.

Key-words: Cuban Revolution, Communist Party of Brazil (PCdoB), French Communist Party (PCF).

¹ Este artigo apresenta resultados parciais de minha tese de doutorado (Sales, 2005).

² Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Pós-doutorando na Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Introdução

A revolução cubana causou um grande impacto sobre as esquerdas latino-americanas nos anos 1960 e 1970. Uma vez vitoriosa em 1959, os seus protagonistas passaram a proclamar o seu modelo como válido para o conjunto do continente, o que levaria esta revolução a representar um marco na história do socialismo e das lutas revolucionárias na América Latina. Michael Löwy (1999: 9-10), ao fazer uma periodização da história do marxismo latino-americano, destaca a revolução cubana como o ponto de referência para a ascensão de correntes radicais, que tinham em comum a defesa da natureza socialista da revolução e a legitimidade da luta armada.

Juan Carlos Portantiero (1985: 333-357), também tratando do marxismo latino-americano no século XX, aponta, no princípio dos anos 1960, o início de uma nova etapa de sua história, marcada pela influência do “castrismo” “enquanto fusão ideológica de nacionalismo e de socialismo”, bem como pela influência do “guevarismo” e do “foquismo”³ como inspiração política. A influência cubana poderia ser identificada em dois momentos. Inicialmente, teria sido mais por simpatia que por fruto de uma decisão elaborada pelo novo centro de poder socialista. Em uma segunda fase constitui-se o apoio ativo de Cuba aos novos revolucionários do continente, o que definiria uma oposição inicialmente silenciosa, mas logo depois explícita, em face dos partidos comunistas. Estes, por sua vez, sempre encararam com desconfiança o surgimento e a expansão das idéias cubanas no continente.

Por fim, ainda no que diz respeito ao significado mais amplo da revolução cubana sobre as esquerdas latino-americanas, a sua importância pode ser medida por dois fatos que hoje, segundo Castañeda (1994), costumam ser ignorados. Em primeiro lugar, que desde a expedição do *Granma*, em 1956, foi incessante a luta armada revolucionária na América Latina. Além disso, que em todos os países do continente a esquerda foi influenciada por Cuba. A esquerda como um todo,

³ Para os objetivos deste artigo, amparado nos documentos das organizações comunistas do período, tomaremos como sinônimos termos como *foquismo*, *guevarismo*, *castro-guevarismo* e *debraysmo*. Empregamos esses termos aqui de forma ampla, como eram utilizados entre as esquerdas nos anos 1960, caracterizando, de uma forma geral, movimentos que, influenciados pela revolução cubana, acreditavam ser possível fazer uma revolução socialista através de guerrilhas e sem a presença de um partido comunista. Acreditava-se que esse era caminho adequado para a América Latina e que as condições objetivas estavam prontas, restando criar as subjetivas, tarefa esta que a presença do *foco guerrilheiro* se encarregaria. Uma vez iniciados os combates, as massas acabariam por se aliar aos guerrilheiros, e estes conseguiriam aumentar o seu potencial ofensivo até a tomada do poder. Durante o processo revolucionário, a guerrilha seria a vanguarda política, estando todas as outras tarefas a ela subordinadas. Ver a esse respeito, primeiramente, a obra do próprio Régis Debray (s/d.) e de Che Guevara (1981). Uma síntese dos textos de destes autores pode ser vista em Barão (2003). Ver ainda Saint-Pierre (2000).

partidos comunistas, intelectuais, dirigentes sindicais e ex-caudilhos populistas – converteu-se à linha cubana ou dividiu-se entre pró-cubanos e o resto: ortodoxos, comunistas pró-soviéticos, defensores dos governos locais e partidários da noção de uma aliança com a 'burguesia nacional'.(Castañeda, 1994: 27).

A vitória de uma revolução nesse pequeno país da América Central causou grande debate nos partidos de esquerda do Brasil. Para alguns autores, esse impacto pode ser visto como um divisor de águas na trajetória política das esquerdas brasileiras, pelo menos no que diz respeito à sua idéia de revolução. De fato, a revolução cubana questionava pelo menos três aspectos da estratégia dos comunistas que estavam cristalizadas entre os dirigentes brasileiros. Primeiro, atualizava a idéia da possibilidade de uma revolução imediatamente socialista no continente, contrária ao caminho proposto pelos partidos comunistas, que era o de uma revolução feita em duas etapas. Em segundo lugar, a guerrilha vitoriosa em Cuba colocava em xeque a idéia de que a revolução no continente latino-americano seria pacífica, como há muitos anos apregoavam os partidos comunistas (PC's). Enfim, o fato de a revolução cubana ter sido liderada pelo grupo 26 de Julho levou muitos militantes a questionarem o papel de vanguarda dos PC's no processo revolucionário.⁴

Já na Europa, palco da atuação do PCF, a revolução cubana colocaria questões diferentes daquelas que foram debatidas no Brasil. O grande problema do chamado Movimento Comunista Internacional (MCI), entre o final dos anos 1950, quando aconteceu a revolução cubana, e no decorrer da década seguinte, era o da manutenção de sua coesão interna. Vale lembrar que a pretensão de um MCI monolítico, que já havia sido rompida com as repercussões do XX Congresso do Partido Comunista da URSS (PCUS), foi definitivamente solapada pela cisão entre o PCUS e o Partido Comunista Chinês (PCCh) no início dos anos 1960. Nessa situação do MCI, a revolução cubana, a partir de seu caráter heterodoxo, aparecia como mais um ingrediente que dificultava a ação unitária dos partidos em nível mundial.

⁴ Sobre as questões suscitadas pela revolução cubana, ver Garcia (1997).

O Partido Comunista do Brasil (PC do B) é hoje o principal representante da tradição marxista-leninista no país. Aos 45 anos de sua fundação ele, de forma surpreendente, sobreviveu à ditadura militar implantada no país em 1964, ao duro golpe sofrido com a derrota na guerrilha do Araguaia, à perseguição policial nos anos sessenta e setenta e à crise provocada pela derrubada do muro de Berlim. Mais do que isso, conseguiu um relativo crescimento político e hoje tem uma inserção importante em setores como o sindical e o estudantil. Tem representantes em câmaras de vereadores, assembleias legislativas e chegou ao governo federal junto com a aliança política que levou à vitória, na eleição de 2002, o candidato Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT).

Mesmo com tal trajetória, o partido foi relativamente pouco estudado, contando com pequeno número de trabalhos acadêmicos especificamente a seu respeito. O mais comum é se encontrar a história do PCdoB associada e vista a partir da trajetória do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Seja pela comparação seja pela oposição, a história do primeiro aparece constantemente vinculada a do segundo, ficando, de certa forma, ofuscada. Certamente contribuiu para isso o fato do PCdoB ter surgido de uma cisão no interior do PCB, sendo que neste ficou a maior parte dos militantes. Além disso, a divisão não impediu que o partido de Luís Carlos Prestes se mantivesse como força hegemônica entre as esquerdas no período que antecedeu o golpe militar de 1964. Já o PC do B, com muita dificuldade, tentava se estruturar orgânica e ideologicamente para se diferenciar de sua matriz e aparecer como uma alternativa viável entre as esquerdas. Entretanto, o fato de não ter ocupado na primeira metade dos anos 1960 um lugar destacado na política nacional não deve servir de empecilho para que sua história seja resgatada. Afinal, o PC do B acabou por protagonizar nos anos seguintes eventos importantes na história da esquerda brasileira e mostrou, mais do que o próprio PCB, ter uma maior capacidade de manutenção de sua estrutura partidária diante de suas crises internas e das mudanças no país e no mundo.

Neste artigo, a opção pelo exemplo do PCdoB se dá, de um lado, por se tratar de um tema inédito dentro da historiografia brasileira, na medida em que, como dissemos acima, o PCB tem recebido um número maior de estudos⁵. Dessa forma, a análise do PCdoB pode acrescentar elementos para o entendimento da história do comunismo brasileiro que foram pouco ou nada discutidos por pesquisadores do período. Por outro lado, o caso do PCdoB é representativo das fissuras que o Movimento Comunista Internacional vivenciava no início

⁵ Sobre as repercussões da revolução cubana no interior do PCB, bem como em outras organizações comunistas do período, ver: (Sales, 2005).

dos anos 1960. O partido de João Amazonas foi um dos primeiros do mundo a romper com a União Soviética e se alinhar aos chineses, caminho que seria depois seguido por muitos grupos da América Latina. Assim, as discussões do PCdoB sobre o comunismo internacional, que envolviam a União Soviética, China, Cuba e os partidos comunistas em nível mundial, servem para o entendimento dos dilemas do comunismo internacional nos anos 1960.

Veremos, em seguida, como o PCdoB e o PCF receberam e debateram o tema da revolução cubana a partir de realidades políticas, sociais e econômicas distintas⁶. Apesar de tais diferenças, não esqueçamos que o fato de serem partidos comunistas dava aos dois uma importante unidade, que se ancorava no chamado internacionalismo proletário, no qual todos os PC's viam-se como integrantes de um único partido mundial, o da revolução. Assim, ambos acompanhavam atentamente o que se passava em Cuba.

O PCdoB: entre a adesão e a crítica à revolução cubana

O Partido Comunista do Brasil (PCdoB) surgiu em fevereiro de 1962 a partir de uma cisão no interior do velho Partido Comunista do Brasil (PCB), fundado em 1922. A divisão está ligada à tensa conjuntura político-social da segunda metade da década de 1950 e início da de 1960 no Brasil e ao tortuoso processo de mudança na linha política do PCB.⁷

Foi durante o governo parlamentarista de João Goulart que o PCdoB tornou público o programa que lhe daria feição ideológica e pautaria a sua atuação política em seus primeiros anos. O partido apontava o imperialismo norte-americano, o latifúndio e parte da burguesia nacional como os responsáveis pelo entrave em que se encontrava o desenvolvimento do país e, por conseguinte, pela situação de penúria dos trabalhadores brasileiros. A situação de domínio do imperialismo e do latifúndio, gerando um desenvolvimento calcado no capital estrangeiro e responsável por uma estrutura agrária perversa, daria origem a um regime reacionário e antinacional, o que poderia ser medido pela própria Constituição de 1946, a qual serviria unicamente aos interesses das classes dominantes.

⁶ Deixamos de lado as discussões teóricas e metodológicas a respeito da importância e dos usos da história comparativa. Indicamos aqui o primeiro volume desta revista, no qual há artigos que fazem uma excelente discussão sobre tal problemática.

⁷ Grande parte das informações a respeito da história do PCdoB estão em Sales (2007b).

Nesse caminho, o regime não poderia ser modificado a partir das teses que então estavam em voga, como, por exemplo, aquela que defendia a troca dos governantes, ministros ou gabinetes, pois estes deveriam executar a política das classes dominantes e a não execução acarretaria a deposição dos cargos. A única solução encontrava-se na implantação de um *governo popular revolucionário* e de um *regime antiimperialista, antilatifundiário e antimonopolista*.

Um ponto importante nas definições teóricas do partido foi o seu alinhamento político e ideológico ao Partido Comunista Chinês e ao maoísmo⁸. Essa adesão às idéias chinesas, entre outras coisas, ajudou o PC do B na defesa da ortodoxia stalinista, já que o PCCh passou a criticar duramente os rumos tomados pela Rússia após o XX Congresso do PCUS. Ajudou-o também na adoção de uma estratégia de luta armada – a *guerra popular prolongada* – que, diferentemente do foquismo, não abria mão da estrutura partidária ancorada na tradição da III Internacional Comunista (IC).

A defesa da revolução democrático-burguesa, feita com a união de amplos setores da sociedade, formando uma frente política sob a direção da classe operária e com a utilização, caso fosse necessário, da violência revolucionária, no plano político; e a defesa da ortodoxia stalinista e adesão ao maoísmo, no plano ideológico, deram os contornos à atuação partidária no decorrer dos anos 1960.

A revolução cubana e a revolução do PCdoB

As relações do PCdoB com a revolução cubana foram complexas. Sobre elas incidiam tanto fatores internos do processo revolucionário cubano quanto da conjuntura brasileira. Além, é claro, dos debates envolvendo a China e a URSS, que polarizavam discussões em torno da problemática do alinhamento internacional por parte das esquerdas comunistas. Nesse sentido, para Emir Sader (1991), a defesa da via chinesa viria, no caso do PCdoB, junto com uma crítica ao regime cubano, que teria, segundo o partido, se tornado um reforço

⁸ Uma parte das esquerdas brasileiras foi influenciada pelas idéias de Mao Tse-tung, líder da revolução chinesa. O *maoísmo* privilegiava a guerrilha rural como caminho revolucionário para os países do Terceiro Mundo. Diferentemente do foquismo, os chineses não abriam mão da existência de um partido comunista para a condução da guerrilha e tinham a perspectiva de que a luta se daria a partir de uma *guerra popular prolongada*. Não endossavam a revolução socialista imediata, defendiam a revolução por etapas e a aliança com a burguesia nacional na etapa antiimperialista. Mao foi ainda responsável pelo desencadeamento do processo da *revolução cultural proletária*, que fez um drástico questionamento da burocratização do Partido Comunista Chinês. No Brasil, essas idéias foram assimiladas principalmente pelo PC do B. (Sales, 2007a, p. 97).

aos revisionistas russos. Ainda que o aspecto apontado por Sader (1991) seja uma das marcas distintivas do relacionamento do partido com a revolução cubana, há outros elementos em jogo que merecem consideração. Para efeito de análise, podemos apontar dois momentos no relacionamento do partido com os cubanos. O primeiro se inicia em 1962, quando a revolução cubana era tida pelo PCdoB como um exemplo para o continente latino-americano e para o Brasil em particular; o segundo começa em 1966, momento em que o partido assumiu publicamente uma postura crítica em relação às aspirações de Cuba de se tornar catalisadora de uma revolução continental.

O primeiro momento da relação do PCdoB com a revolução cubana, caracterizado pelo apoio aos cubanos e da tomada dessa experiência revolucionária como exemplo para o Brasil e para a América Latina, pode ser facilmente exemplificado através da observação das páginas do periódico oficial do PCdoB *A classe operária*. Em praticamente todas as edições entre 1962 e 1964, há referências simpáticas a Cuba. Seja através de artigos dos dirigentes do partido, seja por publicações assinadas por Fidel Castro e Che Guevara, o apoio à revolução cubana estava estampado nas páginas de seu jornal. Além disso, dirigentes do PCdoB foram os primeiros a traduzirem e publicarem escritos de Che Guevara no Brasil.⁹

O apoio praticamente irrestrito à revolução cubana não durou muito. Em março de 1966, através do documento intitulado *O marxismo-leninismo triunfará na América Latina - carta aberta a Fidel Castro* (PCdoB, 1974a: 85-100), a direção do PCdoB criticou publicamente os rumos tomados por Cuba. Tem início aqui o segundo momento nas relações do partido com o regime cubano. No documento, ficam claras as divergências que levaram o PCdoB a romper com as idéias cubanas. A primeira delas dizia respeito à tentativa dos revolucionários da ilha de Fidel Castro de irradiar seu modelo revolucionário para a América Latina, no momento em que, no Brasil, surgiam diversos agrupamentos de esquerda procurando uma alternativa para a política até então adotada pelo PCB e pelo PCdoB, responsabilizada pela derrota em abril de 1964.

Para esses grupos, a experiência cubana era um exemplo a ser seguido, uma vez que teria mostrado a possibilidade de se fazer uma revolução socialista através da luta armada a poucas milhas dos EUA. Agora já não eram os partidos comunistas a utilizar a revolução cubana como exemplo de revolução democrática, para assim respaldarem sua política; ao contrário, os cubanos passavam a criticar a estratégia e a burocratização dos PCs latino-

⁹ Tratamos de forma aprofundada das relações do PCdoB como comunismo internacional, inclusive com Cuba, em artigo publicado na revista *História, Questões & Debates*. (Sales, 2001).

americanos, propondo e estimulando, inclusive materialmente, o caminho do foco, que, se seguido, levaria à implosão do próprio modelo clássico de partido comunista. A política de exportação do foquismo, vale dizer, causou divergências não só com PCdoB, mas com praticamente todos os PC's pró-Moscou do continente.¹⁰

Com efeito, a tentativa de expansão do modelo revolucionário cubano se afigurava como a maior divergência em relação à revolução de Fidel Castro. Na situação política das esquerdas brasileiras, não bastava ao PCdoB a escolha do maoísmo como estratégia revolucionária, mas tornara-se necessário esclarecer aos seus militantes os "perigos" e os "erros" que envolveriam o foquismo e o fidelismo. Nesse sentido, advertia o partido:

toda tentativa de aplicar, dogmaticamente em outros países, o que há de específico naquela revolução só poderá redundar em fracasso. Ainda que o exemplo de Cuba, em especial no que se refere ao princípio geral da luta armada, continue a inspirar os que lutam pela liberdade e contra o imperialismo norte-americano, o fidelismo não vem dando frutos neste continente, não foi comprovado em nenhum outro país (PCdoB, 1974a: 91-92).

A partir desse momento, nos documentos partidários, haveria sempre um espaço para críticas ao modelo cubano, as quais aumentam em quantidade e intensidade na medida em que cresce a pressão no interior do PCdoB por uma adesão efetiva à luta armada.¹¹ Nesse sentido, por exemplo, este partido dedicaria nove páginas de um documento de novembro de 1967 às críticas ao "fidelismo" (PCdoB, 1974b: 23-70).

A segunda questão que incomodava o PCdoB era a aproximação de Fidel Castro da política externa soviética. Este problema deve ser entendido dentro das disputas travadas entre o PCUS e PCCh pela hegemonia do Movimento Comunista Internacional. No caso cubano, a opção se deu, gradativamente, e não sem dificuldades, pelo campo de influência soviético. Este fato levou o PCdoB, então aliado da China, a criticar os cubanos e a colocar Fidel no campo do "revisionismo contemporâneo". Para o partido, Castro adotara

a política capitulacionista e de traição dos dirigentes do PCUS, com os quais se mostra cada vez mais afinado. Embora você (Fidel Castro) procure aparentar independência, fica evidente para os trabalhadores e os revolucionários da América Latina que você atua como

¹⁰ Sobre as divergências dos PC's com Cuba, ver Bandeira (1998). Um exemplo da ligação orgânica do regime cubano com setores da esquerda revolucionária brasileira pode ser visto no trabalho de Rollemberg (2001).

¹¹ A questão da tensão no interior do partido entre uma linha voltada para o trabalho com as massas e outra voltada para a luta armada é discutida por Wladimir Pomar (1980).

peça do mecanismo montado por Krushov e aperfeiçoado pelos seus sucessores (PCdoB, 1974a: 92).

As críticas dirigidas a Cuba não impediam que o documento fosse finalizado com um "apelo fraternal" para que Fidel voltasse às fileiras revolucionárias. No entanto o PCdoB não poderia esperar tranqüilamente essa volta, pois a luta armada tornara-se, na segunda metade da década de 1960, um divisor que indicava quem estava no campo do reformismo e quem estava no da revolução. O partido não poderia se esquivar diante de tal problema, e a experiência chinesa aparecia, naquele momento, como uma saída que, por um lado, propunha a luta armada, mas, por outro, diferente do foquismo cubano, não abria mão da organização partidária como elemento fundamental na condução do processo revolucionário.

A opção do PCdoB pela estratégia maoísta não foi suficiente para aplacar a atração exercida pelo foquismo em suas fileiras. Entre 1966 e 1967, o partido sofreu duas cisões que deram origem ao Partido Comunista do Brasil – Ala Vermelha (PCdoB-AV) e ao Partido Comunista Revolucionário (PCR). As duas organizações foram bastante influenciadas pelas idéias cubanas, o que vai transparecer na adoção imediata da luta armada na luta contra os militares, caminho esse claramente influenciado pelo foquismo.

A guerrilha do Araguaia e os ecos do foquismo

Por volta de 1972, a luta armada dos grupos revolucionários contra a ditadura militar estava praticamente extinta. O aparelho repressivo do Estado conseguiu localizar, prender, matar e banir do país a maior parte dos militantes. O assassinato de Carlos Lamarca, então pertencente ao Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), em setembro de 1971, no interior da Bahia, pode representar simbolicamente a derrota do projeto político da esquerda revolucionária, ainda que ações armadas continuassem a acontecer até 1973.

Praticamente todas as organizações da esquerda armada tinham como objetivo a eclosão de uma guerrilha rural. Antes, porém, era necessário um período de preparação nas cidades. Por diversas circunstâncias, foram todas dizimadas enquanto se preparavam para ir para o campo. Não conseguiram escapar do cerco imposto pela repressão que, com o uso da tortura, especializou-se rapidamente no combate aos grupos revolucionários urbanos.

O epílogo da luta armada contra a ditadura militar se daria em outro cenário, para o qual os militares não estavam ainda preparados. O responsável pelo episódio foi o PCdoB. No decorrer da segunda metade da década de 1960, enquanto os outros agrupamentos se debatiam nas cidades contra a repressão política, o partido fazia um silencioso trabalho de implantação de militantes na região do Araguaia, no sul do Pará. Esses militantes foram responsáveis pelo episódio conhecido como guerrilha do Araguaia, luta contra o exército, que durou dois anos, de 1972 a 1974, tendo, no final, quase todos os seus participantes assassinados pelos militares.¹²

Apesar dos percalços, os guerrilheiros conseguiram resistir por cerca de dois anos ao cerco imposto pelo exército, que precisou de três campanhas até conseguir eliminar todos os militantes. A última teve início em outubro de 1973 e, entre janeiro e março do ano seguinte, conseguiria destruir o núcleo guerrilheiro. O resultado final foi cerca de 76 mortos, sendo 59 militantes do partido e 17 recrutados na região.

Para os objetivos deste artigo, que destaca a relação do PCdoB com a revolução cubana, chamamos a atenção para o fato de que, na segunda metade dos anos 1970 e início da década seguinte, o partido fez uma profunda discussão sobre o significado da guerrilha do Araguaia. No debate, muitos militantes identificaram nessa experiência características próprias do foquismo cubano, mesmo que, oficialmente, a direção partidária se dissesse seguidora das idéias chinesas.¹³ Da mesma forma, os principais estudiosos do assunto também o fazem. Por exemplo, para Jacob Gorender, o paradoxal foi que a guerrilha, planejada como *guerra popular prolongada*, segundo o modelo maoísta, reproduzisse, no essencial, a tática do foquismo castro-guevarista. Ou seja, “nenhum trabalho político prévio e início da luta por núcleo guerrilheiro com autonomia de comando” (1998: 240). Já para Marcelo Ridenti, pode-se concluir que a política do PCdoB tinha muito em comum com as idéias foquistas: “a subordinação do ‘fator político’ ao ‘militar’ (...), a luta iniciada por um núcleo implantado de fora numa determinada área rural, sem ter desenvolvido um trabalho político prévio (embora tivesse uma convivência assistencial e de vizinhança com a população local); a proposta de incorporação das massas só num segundo momento da luta; o campo como local privilegiado para deflagrar a revolução, em detrimento da organização nas cidades etc” (1993: 231).

¹² Sobre o tema, ver Sales (2005).

¹³ A respeito do debate em torno da guerrilha do Araguaia dentro do PCdoB, ver Sales (2002).

A principal conclusão a que podemos chegar ao analisar as relações do PCdoB com a revolução cubana é a de que as condições políticas do Brasil, que vivia sob uma ditadura militar, levou o partido a travar um constante combate às idéias cubanas, que gradativamente atraía seus militantes para a luta armada. Nesse percurso, o PCdoB acabou sofrendo as duas cisões já comentadas: PCdoB-AV e ao PCR. Já no início dos anos 1970, na própria guerrilha do Araguaia, que é apontada pelo PCdoB como a mais importante página de sua história, não faltaram elementos que comprovam o peso da experiência cubana sobre ela, mesmo que sua direção não o admita.

Resta agora verificar como um importante partido comunista europeu, inserido no MCI, aliado da URSS, mas com demandas políticas muito diferentes daquelas presentes na América Latina, reagiu às questões colocadas pela revolução cubana no debate do mundo comunista. E, nesse caminho, discutir as aproximações e diferenças que existiram em relação ao caso brasileiro. Acreditamos ainda que seja possível demonstrar, contra aqueles que querem explicar a história dos comunistas a partir de determinações internacionais, que as conjunturas nacionais desempenham um papel fundamental na forma dos partidos comunistas – europeus e latino-americanos – lidarem com o fenômeno cubano.

O Partido Comunista Francês, Cuba e o Movimento Comunista Internacional.¹⁴

Um primeiro ponto a ser destacado é o fato de a revolução cubana aparecer no cenário do MCI como mais um elemento de complicação para a união dos comunistas em nível internacional, que passava então por um lento, mas irreversível, processo de desestruturação. Dessa forma, o objetivo principal dos partidos europeus era contornar os problemas causados pelo cisma sino-soviético e lutar pela unidade dos comunistas.

Do mesmo modo que em relação ao MCI, no caso do PCF, em um primeiro olhar, a revolução cubana parece não estar presente em seu debate político e ideológico. Por exemplo, em uma conferência apresentada em 1977, na escola central do partido, por um de seus dirigentes, Jean Kanapa (1978), intitulada “O movimento comunista internacional ontem e hoje”, não há qualquer referência à questão cubana. Vale destacar que Kanapa era o dirigente

¹⁴ Esta parte do artigo referente ao PCF é fruto de meu doutorado-sanduíche realizado na França entre 2003 e 2004. Na ocasião, pude pesquisar, principalmente na Biblioteca de Documentação Internacional Contemporânea, documentos do PCF a respeito da revolução cubana.

responsável pelas relações internacionais do PCF, não sendo, portanto, por falta de informação sobre o assunto que ele tenha deixado de lado a temática de Cuba. Do mesmo modo, se consultarmos a bibliografia a respeito do PCF, pouco encontraremos sobre o papel representado por Cuba dentro do MCI nos anos 1960.¹⁵

Como entender essa ausência da temática cubana na história das relações internacionais do PCF? Em primeiro lugar, é preciso considerar que os autores que citamos acima tratam da crise do MCI como uma temática que diz respeito aos partidos europeus, passando pela problemática do cisma sino-soviético. O comunismo latino-americano, nesse contexto, não é tomado como protagonista importante das discussões que abalavam o comunismo internacional nos anos 1960. Além disso, não podemos esquecer que o PCF partia de análises a respeito da revolução na América Latina que remontavam às formulações da III Internacional Comunista (IC). Ou seja, os comunistas franceses acreditavam que a revolução latino-americana se daria em duas etapas e seria dirigida por um partido comunista.

De outro lado, com a crise pela qual passava o MCI, o objetivo mais importante era assegurar, através das conferências dos partidos comunistas, a coesão do comunismo internacional, abalada desde o XX Congresso do PCUS. Nesse caminho, excetuando o incontornável problema com os chineses, o MCI evitava temas polêmicos, como as divergências dos partidos comunistas da América Latina em relação aos cubanos. O maior exemplo disso foi a Conferência de Moscou de 1969. Mesmo depois da realização da reunião da Organização Latino-americana de Solidariedade (OLAS)¹⁶ em agosto de 1967, que marcou um claro rompimento dos cubanos com os princípios do marxismo-leninismo, o documento de Moscou¹⁷ não fez qualquer comentário sobre a questão.

No caso do PCF, a nossa hipótese é de que o partido tenha seguido essa mesma linha de atuação, porque era um importante aliado dos soviéticos na defesa da centralização do MCI.¹⁸ Nesse caminho, em um primeiro olhar, o partido parece deixar de lado os temas mais polêmicos que envolvem a revolução cubana e o comunismo latino-americano, o que ajuda a

¹⁵ A bibliografia sobre a história do PCF é ampla e variada. Citamos apenas alguns títulos que devem ser suficientes para os objetivos deste texto: Courtois e Lazar (2000); Robrieux (1984); Kriegel (1985) e Brunet (1982).

¹⁶ Entre 31 de julho e 10 de agosto de 1967, aconteceu em Cuba a conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), que significou, em certa medida, uma tentativa por parte dos cubanos de tornarem-se um centro revolucionário no continente. Entre outras formulações, a OLAS criticou a política defendida pelos partidos comunistas e indicou a luta guerrilheira como estratégia adequada para a maior parte dos países latino-americanos, proclamando que o dever de todo revolucionário era o de fazer a revolução.

¹⁷ Ver o documento final da conferência e as intervenções dos partidos comunistas em Zaradov (1969).

¹⁸ Ver a respeito Marcou (1979); Fejto (1967); Lavou (1982); Wallon-Leduc (1978). Sobre o posicionamento do PCF em relação às divergências envolvendo a China, ver ainda PCF (1963) e Charles Haroche. *Confondre et combattre les scissionnistes chinois*. *France nouvelle* (8/4/1964).

explicar a ausência da temática cubana na bibliografia que trata do PCF, bem como na própria história contada pelo partido,¹⁹ quando tratam do assunto. Entretanto não é tarefa fácil silenciar sobre um tema desta envergadura e, ao analisarmos as fontes primárias do partido, percebemos que o PCF estava atento aos problemas que Cuba colocava para o comunismo em geral e latino-americano em particular.

Para discutir as análises feitas pelo PCF em relação à revolução cubana, consultamos artigos publicados em diferentes periódicos do partido entre 1959 e 1969: *Les cahiers du communisme*, uma revista teórica, voltada para a formação política dos militantes; *La nouvelle revue internationale*, revista publicada em Praga, que trata de temas que envolvem o comunismo internacional; *France nouvelle*, jornal semanal do partido e, para alguns eventos, *L'humanité*, jornal diário do PCF. Quanto aos temas a serem discutidos, deixaremos de lado as longas descrições sobre as conquistas da revolução cubana no plano econômico, político e social ou as declarações de apoio contra as tentativas de invasão da ilha por parte dos Estados Unidos, que foram apresentadas em inúmeras ocasiões pela imprensa do PCF. Deteremo-nos em alguns pontos importantes para o entendimento do posicionamento do partido sobre o significado da revolução cubana para o Movimento Comunista Internacional. Ou seja, a discussão deve girar em torno da análise feita pelo Partido Comunista Francês a respeito da singularidade do processo revolucionário cubano e suas conseqüências para a teoria e a prática dos partidos comunistas na América Latina e no mundo.

A definição do caráter da revolução cubana e a defesa do marxismo-leninismo.

Uma primeira questão que se impunha era a definição do caráter da revolução cubana e das forças sociais que foram responsáveis por sua realização. Algo que poderia parecer relativamente simples torna-se bastante complexo quando os comunistas utilizam um arsenal teórico, cuja origem estava nas formulações da IC, para analisar um movimento revolucionário liderado por setores da classe média, através de guerrilhas e sem a liderança de um partido comunista.²⁰ Nesse caminho, as primeiras definições apresentadas pelo Partido

¹⁹ Estamos nos referindo, por exemplo, à conferência de Jean Kanapa citada. Como dissemos, Kanapa era um dos responsáveis pelas questões internacionais do PCF e, além disso, esteve em Cuba por alguns meses em 1966, podendo assim presenciar as discussões que giravam em torno da revolução cubana. Ainda assim, no momento em que ele apresenta uma história do movimento comunista internacional, não se refere em nenhum momento à revolução cubana ou à crise pela qual passaram os partidos comunistas latino-americanos nos anos 1960.

²⁰ Não estamos endossando aqui o mito de que a revolução cubana tenha sido feita unicamente pelo Movimento 26 de julho, ressaltamos apenas que, de qualquer maneira, esta revolução fugia aos esquemas tradicionais elaborados pelos

Socialista Popular (PSP) afirmavam, de maneira bastante contraditória, que a revolução cubana não corresponderia a nenhum esquema clássico, mas “ela confirmaria de forma irrefutável a validade e o acerto das teses fundamentais do marxismo-leninismo”.²¹

O problema da caracterização da revolução era imprescindível na medida em que, de um lado, setores anticomunistas afirmavam que a revolução em Cuba teria sido claramente comunista, usando este argumento para criticar o governo de Fidel Castro; de outro, havia os que eram simpáticos ao movimento 26 de julho, mas que não pertenciam aos PC's, afirmando que o que se passara em Cuba teria sido algo “original e único em seu gênero”, fugindo a toda teorização praticada até aquele momento pelos comunistas, o que não deixava de ser uma crítica implícita ao marxismo-leninismo.²² Para tentar por fim à discussão, Blas Roca, secretário geral do PSP, afirmaria, de forma eclética, que a revolução cubana seria “patriótica e democrática, (...) de liberação nacional, agrária, popular e progressista”.²³

Esse tipo de interpretação, que era largamente discutida na América Latina, também teve seus ecos na Europa. O PCF se posicionou para responder a artigos publicados nos jornais *Le Figaro* e *Le Monde*, os quais afirmavam que o movimento de Fidel Castro teria sido “camponês, burguês e intelectual”, sendo que os operários não haveriam desempenhado papel algum, e que tampouco os comunistas haviam tido qualquer importância nos acontecimentos. Contrapondo-se a essas críticas, o PCF afirmaria que a luta contra a ditadura cubana teria sido feita pelos “comunistas, pelos sindicalistas, que, no mesmo país, na clandestinidade e freqüentemente na prisão, organizaram a luta de massas e desencadearam, no campo e nas cidades, as ondas de greves que prepararam a vitória da guerrilha”.²⁴

A preocupação com a definição do caráter da revolução cubana mostrava-se diretamente ligada à defesa do marxismo-leninismo, que estava sendo colocado em xeque na América Latina e na Europa. Para muitos, o processo revolucionário cubano era a própria negação de pilares fundamentais dessa teoria, como o da necessidade do papel dirigente da classe operária e da presença de um partido comunista. Questões como essas teriam aparecido na França, por exemplo, através de afirmações da imprensa de que a revolução cubana teria

partidos comunistas. Para uma análise que discute criticamente o mito da Sierra Maestra e dedica-se a mostrar o papel das organizações de massa nas cidades durante o processo revolucionário, ver: Bambirra (1976).

²¹ PCF. Où en est la révolution cubaine? *La nouvelle revue internationale*. n. 6, juin 1960, p. 137.

²² Blas Roca. Le VIII Congrès national du parti socialiste populaire de Cuba. *La nouvelle revue internationale*. n. 11, novembre 1960, p. 86. A tradução de todos os textos em francês foi feita por mim.

²³ *Ibidem*.

²⁴ PCF. Les communistes et la révolution de Fidel Castro. *France nouvelle*. (29/1/1959). Ainda sobre o papel do movimento operário na revolução cubana, ver: Achille Finzi. Les perspectives de la révolution cubaine. *Les cahiers du communisme*. n. 1 et 2, janvier-février de 1959, p. 94-95.

acontecido de forma espontânea, pragmática e sem uma teoria revolucionária “científica”. Esse tipo de interpretação certamente preocupava o PCF e o levou a aprofundar o seu interesse pelo caso cubano, o que se agravou quando inúmeros intelectuais franceses, entre os quais Jean-Paul Sartre, foram atraídos por essa “nova forma” de revolução, que se afastava do autoritário socialismo soviético.²⁵ Ainda sobre as influências de Cuba na França, as idéias suscitadas pela revolução cubana seriam uma das referências do grupo dirigente da União dos Estudantes Comunistas, que entraria em choque com a direção do partido na segunda metade dos anos 1960.²⁶

O PCF procurou responder a essas questões a partir da publicação de um artigo de Roger Garaudy em *Les cahiers du communismo*. Para o autor, a questão principal era saber se a revolução cubana contradiz ou confirma a tese anunciada na *Declaração dos 81 Partidos Comunistas e Operários de 1960*, segundo a qual:

*a experiência da União Soviética e de outros países socialistas mostrou plenamente o acerto da tese marxista-leninista segundo a qual o desenvolvimento da revolução socialista e a edificação do socialismo obedecem a um certo número de leis essenciais, próprias a todos os países que se engajam na via do socialismo. Essas leis se manifestam em todo lugar, o que não exclui uma grande diversidade nas particularidades e tradições nacionais, que são produtos da história e as quais é necessário absolutamente ter em conta.*²⁷

Após fazer uma análise do processo revolucionário cubano, o autor conclui que nada exemplificaria melhor do que essa revolução as leis de passagem do capitalismo ao socialismo, tais como elas foram formuladas pelo movimento operário internacional.²⁸ No mesmo sentido, Jacques Duclos afirmaria que, para aqueles que tentaram ver em Cuba o exemplo da falência do marxismo-leninismo enquanto teoria revolucionária, os fatos teriam mostrado que somente através dessa teoria é que se pôde instaurar o socialismo na ilha de Fidel Castro. E, ainda, que, seja qual for o ponto de partida de um movimento antiimperialista, ele não pode chegar aos seus fins “sem se inspirar e aderir plenamente à

²⁵ Sobre as relações dos intelectuais franceses com a revolução cubana, ver: Verdes-Leroux (1989); Hourmant (2000).

²⁶ A respeito da crise da união dos estudantes comunistas, ver: Dreyfus (1990).

²⁷ Roger Garaudy. La classe ouvrière, le parti et l'Etat dans la révolution cubaine. *Les cahiers du communisme*. n. 6, juin 1962, p. 66.

²⁸ *Ibidem*, p. 82.

doutrina do marxismo-leninismo, que é a base das grandes mudanças que caracterizam nosso século”.²⁹

Cuba: exemplo para a América Latina.

A revolução cubana, tomada como prova da validade do marxismo-leninismo e da política traçada pelo MCI, vai ser apontada pelo PCF como um exemplo para a América Latina. Primeiro, no que diz respeito à luta travada contra o imperialismo norte-americano, os cubanos teriam mostrado que era possível fazer uma revolução e conquistar a sua independência nacional, mesmo que há poucas milhas dos EUA. Cuba seria, assim, “um farol que ilumina o caminho por onde deviam passar (...) os países da América Latina.”³⁰ Mais ainda, dentro da história dos movimentos revolucionários, a experiência cubana “mostra que (...) a revolução pode (...) se desenvolver a um ritmo rápido e passar dos objetivos agrários e antiimperialistas aos objetivos socialistas sem a necessidade de ficar durante um longo período no estágio democrático-burguês”.³¹

Para o PCF, por todas essas características, a revolução cubana suscitara nos países do continente a pergunta “por que não nós?” Se Cuba, dadas as suas dimensões e localização geográfica, fora capaz de fazer uma revolução democrática e chegar rapidamente ao socialismo, por que os outros países não poderiam fazer o mesmo? E se era verdade que os povos da América Latina haviam levado a cabo muitas lutas contra a opressão imperialista, fora a revolução cubana que as fez ainda mais numerosas, elevando a sua combatividade e favorecendo a “união das forças operárias no continente”.³²

Essa interpretação do significado da revolução cubana para a América Latina, na qual ela aparece como a confirmação da validade do marxismo-leninismo, não era a única a circular nos anos 1960. Para muitos setores, o que havia se passado em Cuba mostrava que era possível fazer uma revolução sem a presença de um partido comunista de tipo leninista, que ela poderia ser imediatamente socialista e que, principalmente, a guerrilha era o caminho mais

²⁹ Jacques Duclos. *Eveil aux Amériques. France nouvelle*. (19/9/1962).

³⁰ Raul Calas. *L'Amérique latine secoue ses chaînes. France nouvelle*. (12/09/1962). Ainda sobre a idéia de que Cuba era um exemplo teórico e prático para a América Latina, ver: Marcel Veyrier. *Punta del Este: L'impérialisme sur la sellette. Les cahiers du communisme*. n. 3, mars 1962; Vadim Zagladine. *La défaite de la contre-révolution a Cuba et ses leçons. La nouvelle revue internationale*. n. 6, juin 1961; Georges Fournial. *La fin d'une époque. France nouvelle*. (20/7/1960) e Georges Fournial. *J'étais parmi un million d'hommes à La Havane. France nouvelle*. (14/2/1962).

³¹ Blas Roca. *Nouvelle étape de la révolution cubaine. La nouvelle revue internationale*. n. 10, octobre 1961.

³² Raoul Calas. *La révolution cubaine et les luttes libératrices des peuples de l'Amérique Latine. Les cahiers du communisme*. n. 10, octobre 1962.

adequado para se fazer a revolução na América Latina. Por fim, havia uma crítica explícita ao Partido Popular Socialista (este era o nome do partido comunista de Cuba), que teria se oposto ao movimento de Fidel Castro até o último momento.³³ O PCF diria que essas interpretações contrárias ao marxismo-leninismo viriam de “grupúsculos esquerdistas da América Latina e alhures”, que

*tentam, com uma remarcável irresponsabilidade, tirar do exemplo cubano ensinamentos aventureiros, e que se lançariam com prazer em guerrilhas desesperadas e que veriam o massacre de jovens impacientes, sem condições necessárias de apoio das lutas populares de massa.*³⁴

Diferentemente do que afirma o PCF, os setores da esquerda, sobretudo latino-americana, que criticavam a política dos partidos comunistas, eram mais que “grupúsculos”. Em seu conjunto, eles levaram os PC’s da América Latina a uma grave crise política e foram responsáveis por diversos movimentos guerrilheiros que sacudiram o continente no decorrer da década de 1960.³⁵ As divergências entre a esquerda revolucionária e os partidos comunistas, bem como o próprio posicionamento crítico de Cuba frente ao MCI, vão aparecer de forma irremediável no transcorrer da reunião Tricontinental, em janeiro de 1966 e, sobretudo, do encontro da OLAS, realizado em agosto de 1967.

A Tricontinental e as divergências do MCI.

A “Conferência Tricontinental: Ásia, África e América latina” teve como objetivo discutir os problemas comuns aos países do Terceiro Mundo e coordenar as lutas contra o imperialismo em nível mundial. A escolha do local mostra a importância de Cuba como símbolo das lutas contra o imperialismo norte-americano e como primeiro “território livre da América”. Dela participaram cerca de 27 países, com centenas de delegados, além de outros convidados, como os representantes dos partidos comunistas de todo o mundo. Por essas características, ainda que não estivesse entre seus objetivos, a reunião acabou se tornando palco das divergências que tomavam conta do MCI.

³³ Para um panorama geral das esquerdas na América Latina nos anos sessenta, ver: Castañeda (1994); Löwy (1999).

³⁴ Georges Fournial. *Cette révolution qui étonne et passionne. France nouvelle*. (30/5/1962).

³⁵ Sobre as guerrilhas que surgiram na América Latina influenciadas pelo exemplo cubano, ver: Vayssièrre (1999: 127-185).

Um desses problemas, como vimos acima, era o da coesão do MCI de uma forma geral e dos partidos latino-americanos em particular. O PCF já havia se pronunciado sobre a questão em diversos momentos. Por exemplo, em maio de 1963, por ocasião de uma viagem de Fidel Castro à União Soviética, o correspondente do partido em Moscou afirmou que o resultado mais importante da viagem teria sido o de dissipar qualquer dúvida sobre as relações fraternais entre Cuba e os soviéticos e, ao mesmo tempo, forneceu “elementos de solução para um dos mais importantes problemas de nossa época: o da unidade do movimento comunista internacional”.³⁶ Do mesmo modo, ao comentar a conferência dos partidos comunistas da América Latina, realizada em dezembro de 1964, em Cuba, a ênfase recaía sobre a vitória da unidade das forças populares no continente.³⁷

Durante a Tricontinental, a coesão voltou ao centro da discussão. Sobretudo a partir da posição de setores que reclamavam uma resolução que afirmasse a luta armada como via para a revolução nos países do Terceiro Mundo e que criticavam a política de coexistência pacífica adotada pelo MCI, a qual estaria travando as lutas de libertação nacional. Segundo o PCF, esse posicionamento não tivera maior ressonância na conferência graças “aos esforços da delegação de Cuba, à posição unitária da delegação soviética e de outros representantes.”³⁸ Os membros do partido francês destacariam as resoluções que defendiam a liberdade de cada país buscar o seu caminho revolucionário a partir de sua própria luta, uma vez que, como dissera Fidel Castro em seu discurso de encerramento, “somente cada povo pode encontrá-lo”.³⁹

Para Léon Feix, membro do Comitê Central do PCF e participante da conferência, o problema da unidade esteve diretamente relacionado à atuação da delegação do Partido Comunista Chinês, que teria usado a tribuna para atacar a União Soviética e a política de coexistência pacífica adotada pelo MCI, o que teria sido plenamente rejeitado pela maioria dos delegados presentes.⁴⁰ Vale lembrar que não era a primeira vez que o PCF denunciava as práticas “cisonistas” dos chineses. Desde que se tornaram públicas as divergências do PCCh

³⁶ Jean Cathala. Cuba et l'unité. *France nouvelle*. (29/5/1963).

³⁷ PCF. Pour l'unité des partis communistes. *La nouvelle revue internationale*. n. 3, mars 1965, p. 161-165.

³⁸ J. M. Fortuni, A. Delgado, M. Saliby. La conférence tricontinentale. *La nouvelle revue internationale*. n. 3, mars 1966, p. 109. Ver ainda: José Manuel Fortuni. La conférence des trois continents. *La nouvelle revue internationale*. n. 1, janvier 1966, p. 165-168. Georges Fournial. La Havane, capitale des trois continents. *France nouvelle*. (5/1/1966).

³⁹ Georges Fournial. Sur la conférence de La Havane. *Les cahiers du communisme*. n. 2, février 1966, p. 87.

⁴⁰ Georges Girard. J'étais à La Havane - interview avec Léon Feix. *France nouvelle*. (2/2/1966).

com o PCUS, o partido francês esteve ao lado dos soviéticos em defesa das resoluções do MCI.⁴¹

Interpretação diferente teve outro membro do PCF, que veria nos problemas colocados na Tricontinental mais do que uma simples política cisionista chinesa. Jean Kanapa, que chegou em Cuba quatro meses depois da realização da Tricontinental, com a missão de abrir um escritório do jornal *L'Humanité*, em carta enviada a Waldek Rochet, afirmaria que a linha geral da conferência era contrária à política do movimento comunista, problema ao qual o PCF deveria estar atento. Na mesma carta, Kanapa descreveu ao secretário geral do partido o clima que pairava em Cuba após a Tricontinental. Ele se inquietava principalmente com a pretensão cubana de institucionalizar uma teorização da luta contra o imperialismo na qual estariam no centro, ocupando assim um espaço que pertencia ao MCI. Junto com isso, haveria ainda a proposta da necessidade da luta armada no continente, sobre a qual a presença de Régis Debray em Cuba no período, inclusive fazendo críticas à política do PCF, era um símbolo. Jean Kanapa termina a carta, afirmando a Waldeck Rochet que era urgente que se fizesse uma crítica na imprensa partidária contra as teses defendidas por Debray (Streiff, 2001: 413-414).

A OLAS e a luta armada

O ano de 1967 mostrou-se particularmente difícil para as relações de Cuba com o movimento comunista. Em janeiro, foi publicado, com o financiamento do governo cubano, o livro de Régis Debray: *Revolução na revolução*. O autor, a partir de longas conversações com Fidel Castro, apresenta o que seria, ao mesmo tempo, uma interpretação do processo revolucionário cubano e uma proposta inovadora de estratégia para a revolução latino-americana, na qual a necessidade da luta armada era tomada como imperativo, cabendo apenas a discussão dos métodos para a sua efetivação. Para Jacques Lévesque, a publicação deste livro representou uma “teorização” de divergências cubanas em relação ao movimento comunista no continente, que até aquele momento tinham aparecido de forma esparsa (1976 : 147-154). Como se sabe, o livro de Debray logo seria utilizado no continente por grupos que cindiam os partidos comunistas ou que já surgiam em oposição à tradição marxista-leninista.

⁴¹ Ver, por exemplo, PCF (1963) e Charles Haroche. Confondre et combattre les scissionnistes chinois. *France nouvelle*. (8/4/1964). Ver ainda: PCF. Fidel Castro dénonce les procédés chinois. *France nouvelle*. (23/2/1966).

Foi na reunião da OLAS, que pode ser tomada como a “institucionalização” do ponto de vista cubano sobre a estratégia revolucionária para o continente, que as grandes divergências do movimento da América Latina vieram à tona. O próprio Fidel Castro daria o tom ao afirmar que a conferência colocava problemas que estariam na base do debate ideológico “entre os que querem fazer a revolução e os que não querem, entre os que a querem fazer e os que a querem frear” (Lévesque, 1976: 154).

Sobre os problemas relacionados a OLAS, a imprensa do PCF daria destaque ao papel da participação dos partidos comunistas enquanto força de coesão do movimento revolucionário, contra aqueles que queriam o levar à cisão.⁴² Diga-se de passagem, o partido francês não fez maiores comentários sobre a não participação dos partidos comunistas venezuelano, argentino e brasileiro, o que já demonstrava abertamente a negação dos PC's latino-americanos em aceitar a política adotada pelos cubanos e uma grave fratura do comunismo no continente. O enviado especial do PCF preferiu ressaltar o discurso de abertura de Dorticós, que teria negado que Cuba pretendia “exportar ou impor soluções estratégicas ou táticas a outros povos do continente, a outros partidos ou vanguardas revolucionárias”, afirmando que a luta armada seria apenas inevitável quando o imperialismo fechasse todos ou outros caminhos.⁴³

O PCF denunciou firmemente o que ele chama de “grupúsculos ultra-revolucionários”. Entre outros, Francisco Prada, secretário político do “Comando de liberação nacional” e do “Exército de liberação nacional” da Venezuela, afirmara que, “renunciando a luta armada e à guerrilha, o Partido Comunista da Venezuela teria traído a revolução latino-americana”. No mesmo caminho, Gerardo Sanchez, representante de um grupo “esquerdista” da República Dominicana, atacara violentamente a União Soviética e outros países socialistas pelo comércio que praticavam com as ditaduras militares do continente e por não apoiar as lutas de libertação nacional.⁴⁴

Para o partido francês, uma vez ainda, essas críticas seriam inspiradas nas “teses de Pekin” e partiriam em defesa da linha política do MCI. Primeiro, responderia o PCF que o comércio dos Estados socialistas com países de sistema e regime político diferentes não significava a aprovação de tais sistemas, na medida em que este comércio se inscrevia na

⁴² Ver, por exemplo, R. Otero et P. Castellanos. La première conférence de l'organisation latino-américaine de solidarité. *La nouvelle revue internationale*. n. 10, octobre 1967, p. 188-198.

⁴³ Jacques Arnault. La conférence latino-américaine de solidarité s'est ouverte à La Havane. *L'humanité*. (2/8/67). Em outro artigo, o PCF destacaria a intervenção do delegado do Partido Comunista Chileno, que ia ao encontro do discurso de abertura pronunciado por Dorticós. Ver: PCF. A la conférence de l'O.L.A.S. le délégué du P. C. Chilien précise les conditions d'une lutte armée dans son pays. *L'humanité*. (3/8/67).

⁴⁴ PCF. Des représentants de groupuscules gauchiste se livrent à de violentes diatribes anticommunistes et antisoviétiques. *L'humanité*. (4/8/67).

política de coexistência pacífica. Segundo, que acusar a União Soviética de deixar o Vietnã sem ajuda na luta contra os Estados Unidos era uma flagrante mentira que a Frente de Libertação Nacional e a República Democrática do Vietnã já teriam desmentido. Por fim, no que se refere ao Partido Comunista Venezuelano, diria que este não teria abandonado a luta armada antes de fazer uma séria análise da situação, que mostrava claramente o refluxo do movimento revolucionário e a inviabilidade de seguir o caminho das armas.⁴⁵

O PCF, tratando de um dos temas que colocava maiores problemas aos participantes da OLAS e aos PCs do continente, afirmaria que o posicionamento dos partidos latino-americanos frente à guerrilha no continente não significava, de forma alguma, uma renúncia à luta armada, e sim que

*somente cada povo da América Latina pode encontrar o caminho de sua libertação. É a cada partido comunista que incumbe determinar, em toda independência, a linha política correspondente a cada situação particular do país no qual ele leva a sua luta.*⁴⁶

Em uma avaliação geral da conferência, o PCF voltou a discutir a validade da política do MCI e as críticas que esta teria recebido no decorrer do encontro. Em reportagem, *France-Presse* teria perguntado se as resoluções do encontro não eram uma virtual condenação da coexistência pacífica. Para o partido francês, a resposta devia considerar que os princípios da coexistência pacífica eram aplicados entre Estados e jamais entre opressores e oprimidos. Exatamente por esta razão, “os comunistas franceses sempre manifestaram ativamente sua solidariedade para com os povos em luta contra o colonialismo e o neocolonialismo, quaisquer que fossem as formas que essa luta se revestisse”.⁴⁷

A OLAS marcou a afirmação do castro-guevarismo como corrente revolucionária na América Latina que pôs em xeque os partidos comunistas. Mais do que isso, dizendo-se seguidora do exemplo cubano, ela foi responsável pela eclosão de diversas guerrilhas que sacudiram a América Latina na segunda metade dos anos 1960 e início da década seguinte.⁴⁸ O secretário geral do Partido Comunista de El Salvador, em artigo publicado na *nouvelle revue internationale*, apresentou as questões ideológicas que estavam em jogo no período. Entre outros temas em debate, estavam o das

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ PCF. La conférence de l'OLAS a été clôturée par un discours de Fidel Castro. *L'humanité*. 12/8/67.

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ Sobre os diversos grupos e guerrilhas no período, ver Vayssier (1991); Löwy (1999); Castañeda (1994).

*condições objetivas e subjetivas da revolução latino-americana (...); papel potencial e real da classe operária na luta revolucionária do continente, papel da classe média e da burguesia, papel dos camponeses e, de uma forma geral, da população rural; quem forma a vanguarda revolucionária e como deve ser essa vanguarda (...); caráter da revolução no continente e seu programa; (...) possibilidades e limites da coordenação revolucionária regional e continental (...); vias da revolução e formas de luta. Luta armada e luta não armada (...).*⁴⁹

Em resumo, as questões ideológicas debatidas nos anos 1960 no continente americano colocavam na defensiva os partidos comunistas, os quais viam a cada dia aumentar o número de militantes que deixavam suas fileiras e partiam para a luta armada. O PCF estava atento a esse debate e, em março de 1968, se pronunciou sobre a problemática geral que envolvia a revolução cubana e o comunismo latino-americano. Continuou a defender a linha política do MCI e o próprio marxismo-leninismo enquanto teoria válida para aquele momento histórico. Nesse sentido, afirmava que a revolução cubana era “muito maior que uma nova concepção da guerra de guerrilhas”: ela fora a primeira revolução democrática e antiimperialista que, na América, transformou-se rapidamente em revolução socialista. Ainda sobre a luta armada, afirmava que seria infinitamente mais importante para o movimento antiimperialista do mundo que o “método de guerrilha” não fosse necessariamente aplicável em todos os países do continente, uma vez que se fazia necessário verificar as possibilidades de luta de cada país, não se caindo assim em uma visão sectária do processo político.⁵⁰ Por fim, é o próprio secretário geral do partido, Waldeck Rochet, que resumiu o sentido das apreciações e relações do PCF com a revolução cubana:

Em tal ou qual país da América Latina, a luta armada e a guerrilha – combinadas com outras formas de luta e o desenvolvimento do movimento de massas – podem ser indispensáveis para acabar com as ditaduras militares e fascistas devotas do imperialismo americano.

É dessa forma que na Colômbia a guerrilha se desenvolveu – sob a direção do Partido Comunista da Colômbia – com o apoio dos camponeses e em ligação estreita com outras formas de luta e o desenvolvimento do movimento de massa.

⁴⁹ Schafik Handal. Réflexions sur une stratégie continentale. *La nouvelle revue internationale*. n. 4, avril 1968, p. 105-106.

⁵⁰ Georges Fournial. En Amérique latine aujourd’hui. *Les cahiers du communisme*. n. 3, mars 1968, p. 100.

Em definitivo, são aos partidos comunistas e aos movimentos revolucionários e progressistas de cada país que convém apreciar o momento de passar a tal ou tal ação, de determinar as formas de luta que melhor convém, de julgar a situação, as condições, as particularidades e as possibilidades nacionais.

*Nosso partido comunista exprimiu e exprime sua plena solidariedade em relação à revolução cubana e a todos os povos que lutam contra o imperialismo Yankee. Mas isso não significa que a luta armada é a forma de luta exclusiva em todos os países de todos os continentes.*⁵¹

Conclusão

Como é possível perceber, o PCF se coloca ao lado da tradição do internacionalismo proletário representado pelo MCI, que, naquele momento, estruturava-se em torno das conferências internacionais, procurando manter sua coesão. Em outras palavras, o PCF defende a política traçada na última reunião, realizada em 1960, que preconizava a existência de várias possibilidades de vias para o socialismo, mas que enfatizava claramente o caminho pacífico. Política esta que havia sido deixada de lado por parte importante de comunistas no continente, que contavam com a ajuda e influência de Cuba.

Nesse momento em que Cuba entra em colisão com a política traçada pelo MCI e que numerosos partidos latino-americanos pediam uma condenação dos cubanos pelos comunistas em nível internacional, o PCF restou ao lado da tradição. Ele endossou as críticas da União Soviética e dos PC's do continente aos intentos cubanos de exportarem um modelo de revolução para a América latina, cujas características fugiam dos padrões da ortodoxia comunista.

É interessante notar que o PCF, diferentemente do PCdoB, conseguiu manter um distanciamento dos problemas suscitados pelos cubanos para o comunismo internacional. Nesse sentido, ele nunca fez críticas públicas ao governo cubano e participou da reunião da OLAS, ao contrário do PCdoB, que não foi convidado para a reunião e fez críticas severas aos cubanos no período.

Essa diferença no posicionamento do PCdoB e PCF sobre Cuba pode ser entendida a partir das realidades nacionais em que os partidos estavam inseridos. As idéias cubanas não significavam uma ameaça direta ao PCF, ainda que exercesse influência entre os estudantes e intelectuais franceses. Ao mesmo tempo, o partido estava voltado para as discussões das

⁵¹ *Ibidem*, p. 105.

transformações do regime político francês após a guerra da Argélia. No plano internacional, estava interessado na união do MCI, particularmente por causa das divergências entre a China e a URSS.

Já no Brasil, a segunda metade da década de 1960 se passa sob uma Ditadura Militar, que gradativamente destruía todos os organismos de oposição. Os comunistas, na definição de uma estratégia de combate aos militares, viram seus militantes atraídos pelo foquismo, o que tornava imperativo um posicionamento enérgico contra as idéias cubanas, impossibilitando uma convivência pacífica com Fidel Castro.

Em comum, PCF e PCdoB tinham a defesa dos pilares do marxismo, que estava tendo as suas bases questionadas pelas idéias de Che Guevara e Régis Debray. Entretanto os primeiros puderam fazer um debate fundamentalmente teórico e filosófico sobre o tema; já os brasileiros tiveram de agir com a firmeza que a situação exigia. Estava em jogo a sua própria existência enquanto partido, daí a forma particularmente violenta com que o PCdoB, bem como outros partidos comunistas da América Latina, reagiram à tentativa de exportação da revolução cubana.

Documentos

Achille Finzi. Les perspectives de la révolution cubaine. *Les cahiers du communisme*. n. 1 et 2, janvier-février de 1959.

Blas Roca. Le VIII Congrès national du parti socialiste populaire de Cuba. *La nouvelle revue internationale*. n. 11, novembre 1960.

Blas Roca. Nouvelle étape de la révolution cubaine. *La nouvelle revue internationale*. n. 10, octobre 1961.

Charles Haroche. Confondre et combattre les scissionnistes chinois. *France nouvelle* (8/4/1964).

Charles Haroche. Confondre et combattre les scissionnistes chinois. *France nouvelle*. (8/4/1964).

Fidel Castro dénonce les procédés chinois. *France nouvelle*. (23/2/1966).

Georges Fournial. Cette révolution qui étonne et passionne. *France nouvelle*. (30/5/1962).

Georges Fournial. En Amérique latine aujourd'hui. *Les cahiers du communisme*. n. 3, mars 1968.

Georges Fournial. J'étais parmi un million d'hommes à La Havane. *France nouvelle*. (14/2/1962).

Georges Fournial. La fin d'une époque. *France nouvelle*. (20/7/1960).

Georges Fournial. La Havana, capitale des trois continents. *France nouvelle*. (5/1/1966).

Georges Fournial. Sur la conférence de La Havane. *Les cahiers du communisme*. n. 2, février 1966.

Georges Girard. J'étais à La Havane - interview avec Léon Feix. *France nouvelle*. (2/2/1966).

J. M. Fortuni, A. Delgado, M. Saliby. La conférence tricontinentale. *La nouvelle revue internationale*. n. 3, mars 1966.

Jacques Arnault. La conférence latino-américaine de solidarité s'est ouverte à La Havane. *L'humanité*. (2/8/67).

Jacques Duclos. Eveil aux Amériques. *France nouvelle*. (19/9/1962).

Jean Cathala. Cuba et l'unité. *France nouvelle*. (29/5/1963).

José Manuel Fortuni. La conférence des trois continents. *La nouvelle revue internationale*. n. 1, janvier 1966.

Marcel Veyrier. Punta del Este: L'impérialisme sur la sellette. *Les cahiers du communisme*. n. 3, mars 1962.

PCF. A la conférence de l'O.L.A.S. le délégué du P. C. Chilien précise les conditions d'une lutte armée dans son pays. *L'humanité*. (3/8/67).

PCF. Des représentants de groupuscules gauchiste se livrent à de violentes diatribes anticomunistes et antisoviétiques. *L'humanité*. (4/8/67).

PCF. La conférence de l'OLAS a été clôturée par un discours de Fidel Castro. *L'humanité*. (12/8/67).

PCF. Les communistes et la révolution de Fidel Castro. *France nouvelle*. (29/1/1959).

PCF. Où en est la révolution cubaine? *La nouvelle revue internationale*. n. 6, juin 1960.

PCF. Pour l'unité des partis communistes. *La nouvelle revue internationale*. n. 3, mars 1965.

R. Otero et P. Castellanos. La première conférence de l'organisation latino-américaine de solidarité. *La nouvelle revue internationale*. n. 10, octobre 1967.

Raoul Calas. La révolution cubaine et les luttes libératrices des peuples de l'Amérique Latine. *Les cahiers du communisme*. n. 10, octobre 1962.

Raoul Calas. L'Amérique latine secoue ses chaînes. *France nouvelle*. (12/09/1962).

Roger Garaudy. La classe ouvrière, le parti et l'Etat dans la révolution cubaine. *Les cahiers du communisme*. n. 6, juin 1962.

Schafik Handal. Réflexions sur une stratégie continentale. *La nouvelle revue internationale*. n. 4, avril 1968.

Vadim Zagladine. La défaite de la contre-révolution à Cuba et ses leçons. *La nouvelle revue internationale*. n. 6, juin 1961.

Bibliografia

BAMBIRRA, Vania. 1976. **La revolución cubana. Una reinterpretación**. 3. ed. México, Nuestro Tiempo..

BANDEIRA, Luíz Alberto Muniz. 1998. **De Martí a Fidel. A revolução cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

BARÃO, Carlos Alberto. 2003. A influência da revolução cubana sobre a esquerda brasileira nos anos 60. In: MORAES, João Quartim de; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). **História do marxismo no Brasil**. 2. ed. Campinas, Editora. da UNICAMP, v. I, p. 259-316.

BRUNET, Jean-Paul. 1982. **Histoire du Parti Communiste Français: 1920-1982**. Paris, PUF.

- CASTAÑEDA, Jorge. 1994. **A utopia desarmada**. Trad. Eric Nepomuceno. São Paulo, Companhia das Letras.
- COURTOIS, Stéphane; LAZAR, Marc. **Histoire du Parti Communiste Français**. 2000. 2. ed. Paris, PUF.
- DEBRAY, Régis. s/d. **Revolução na revolução**. São Paulo, Centro Editorial Latino Americano.
- DREYFUS, Michel. 1990. **PCF, crises et dissidences. De 1920 à nos jours**. Paris, Editions Complexe.
- FEJTO, François. 1967. **The Frenche Communist Party and the crisis of international communism**. Cambridge, Mas., MIT Press.
- GARCIA, Marco Aurélio. 1997. As esquerdas no Brasil e o conceito de revolução: trajetórias. In: ARAÚJO, Ângela M. C. (org.). **Trabalho, cultura e cidadania**. São Paulo, Scritta, pp. 37-47.
- GORENDER, Jacob. 1998. **Combate nas trevas**. 6. ed. São Paulo, Ática.
- GUEVARA, Ernesto Che. 1981. **A guerra de guerrilhas**. In: _____ **Obras completas**. São Paulo: Edições Populares, vol 9.
- HOURLMANT, François. 2000. **Au pays de l'avenir radieux. Voyages des intellectuels français en URSS, à Cuba et en Chine populaire**. Paris, Aubier.
- KANAPA, Jean. 1978. **Le mouvement communiste international hier et aujourd'hui**. Paris, Editions du Parti Communiste Français.
- KRIEGER, Annie. 1985. **Les communistes français dans leur premier demi-siècle, 1920-1970**. Paris, Ed. du Seuil.
- LAVOU, Georges. 1982. L'URSS et eux...(le parti communiste français et socialisme existant, 1964-1981). In: MARCOU, Lilly. **L'URSS vue de gauche**. Paris, PUF, pp. 189-210.
- LEVESQUE, Jacques. 1976. **L'URSS et la révolution cubaine**. Paris, Presses de la Fondation nationale des sciences politiques; Montréal, Presses de l'Université de Montréal.
- LÖVY, Michael (org.). 1999. **O marxismo a América Latina. Uma antologia de 1909 aos dias atuais**. São Paulo, Perseu Abramo, 1999.
- MARCOU, Lilly. 1979. **L'Internationale après Staline**. Paris, Bernard Grasset.
- PCdoB. 1974a. **A linha política revolucionária do Partido Comunista do Brasil**. Lisboa, Editora Maria da Fonte.
- _____. 1974b. **Guerra Popular. Caminho da luta armada no Brasil**. Lisboa, Maria da Fonte.
- PCF. 1963. **Problèmes du mouvement communiste international: documents**. Paris, Ed. du Parti Communiste Français.
- POMAR, Wladimir. 1980. **Araguaia. O partido e a guerrilha**. São Paulo, Brasil Debates.
- PORTANTIERO, Juan Carlos. 1985. O marxismo latino-americano. 1985. In: HOBBSBAWM, Eric. J. **História do marxismo**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, vol. 6, pp. 333-357.
- RIDENTI, Marcelo. 1993. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo, Editora da UNESP.
- ROBRIEUX, Philippe. 1984. **Histoire intérieure du parti communiste**. Paris, Fayard.
- ROLLEMBERG, Denise. 2001. **O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro**. Rio de Janeiro, Mauad.
- SAINT-PIERRE, Héctor Luis. 2000. **A política armada. Fundamentos da guerra revolucionária**. São Paulo, Editora da UNESP.

SALES, Jean Rodrigues. 2002. O PC do B conta a sua história: tradição, memória e identidade política. **Diálogos**, Maringá, n. 1, v. 7, pp. 155-171.

_____. 2007a. **A luta armada contra a ditadura militar. A esquerda brasileira e a influência da revolução cubana**. São Paulo, Perseu Abramo.

_____. 2005. **O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras (1959-1974)**. Tese de doutorado (História). Campinas, IFCH-UNICAMP.

_____. 2001. O PCdoB e o Movimento Comunista Internacional nos anos 60. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 35, p. 275-303.

_____. 2007b. Partido Comunista do Brasil (PC do B): definições ideológicas e trajetória política. In: RIDENTI, M.; REIS FILHO, D. A. **História do marxismo no Brasil**. Campinas, Editora da UNICAMP, vol VI, pp. 63-103.

STREIFF, Gérard. 2001. **Jean Kanapa, 1921-1978. Une singulière histoire du PCF**. Paris, L'Harmattan.

VAYSSIÈRE, Pierre. 1999. **L'Amérique latine de 1890 à nos jours**. 2. ed. Paris, Hachette.

_____. 1991. **Les révolutions d'Amérique latine**. Paris, Éditions du Seuil.

VERDES-LEROUX, Jeannine. 1989. **La lune et le caudillo. Le rêve des intellectuelles et régime cubain (1959-1971)**. Paris, Gallimard.

WALLON-LEDUC, Christian-Marie. 1978. **Le parti communiste français et le mouvement communiste international (depuis la dissolution de l'internationale)**. Thèse de doctorat d'Etat. (science politique). Lille II.

ZARADOV, K. (dir.). 1969. **Conférence internationale des partis communistes et ouvriers (Moscou 1969)**. Prague, Editions paix et socialisme.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.